

MÉRTOLA ACOLHE MAIS UMA EDIÇÃO DA FEIRA DA CAÇA

A Feira da Caça começa hoje, dia 23, no novo pavilhão multiusos de Mértola, e prolonga-se até ao próximo domingo, dia 25. Segundo a Câmara de Mértola, entidade promotora da iniciativa, este ano, apesar de todas as condicionantes, a Feira da Caça “continuará a celebrar e promover o património cinegético do coneelho e as suas potencialidades turísticas e económicas”.

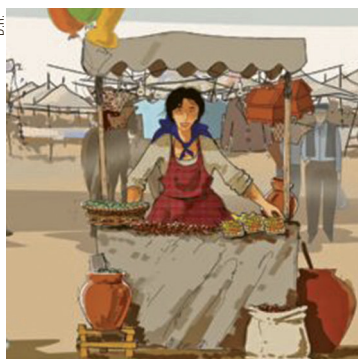
Devido à pandemia a feira não terá espetáculos ao vivo nem a habitual secção de gastronomia que ficará ao encargo dos vários restaurantes do coneelho, por forma a evitar grandes aglomerações de pessoas.

Estão também definidas regras específicas de higiene e segurança, entre elas o uso obrigatório de máscara em todo o recinto, o controle limitado das entradas e a existência de dispositivos de gel desinfetante em todo o pavilhão.

É um dos poucos eventos que se realiza este ano. “Priorizando sempre a saúde pública, tentamos a pouco e pouco retomar a normalidade possível, em prol da economia e dinâmica social da nossa comunidade”, refere a autarquia, recordando tratar-se de um certame que “promove as potencialidades cinegéticas do coneelho e que mostra a importância desta atividade na valorização do território e da biodiversidade”.

Durante a feira irão decorrer quatro atividades cinegéticas: o oitavo Campeonato Nacional de Salto Fernando Pereira (dia 25, pelas 8:30 horas, no Moinho de Monte Novo), uma largada de perdizes, faisões, patos e pombos (no mesmo dia, pelas 8:00 horas), uma montaria a javalis e veados (que se inicia pelas 8:00 horas de amanhã, dia 24) e a final do Campeonato Nacional de Santo Huberto, durante todo o fim de semana.

A nível gastronómico, como se explicou, não haverá oferta no recinto da feira, mas não faltam sugestões nos 15 restaurantes aderentes que, por estes dias, têm na ementa diversos pratos de caça, como javali estufado, açorda de perdiz, coelho frito, lebre com feijão branco ou ensopado de veado, entre muitos outros. O programa inclui ainda exposição de matilhas, demonstrações de cães de parar e de falcoaria e demonstrações de caça ao coelho com cachorros. Para o último dia do certame (a partir das 14:00 horas) está agendado a quarta edição do concurso de mel do Parque Natural do Vale do Guadiana.



D.R.

EXPOSIÇÃO DE RUA SOBRE A FEIRA DE CASTRO

Castro Verde propõe uma visita às ruas da vila. Nestes espaços, sugere-se a mostra que assinala os 400 anos da Feira de Castro e que leva os visitantes a efetuarem, também, uma viagem pela história deste emblemático evento do coneelho. As propostas pelos espaços e personagens da feira são retratados pelo olhar de Joaquim Rosa, responsável pela imagem dos cartazes de quase duas décadas da maior feira tradicional do sul. Completam este olhar 12 excertos de textos - prosa, poesia e documentos históricos - de diferentes autores. Num ano em que o certame foi cancelado devido à covid-19, a iniciativa assinala o início das comemorações dos 400 anos da Feira de Castro.

“BARRO: TERRA, FOGO, ÁGUA E AR” NO CENTRO UNESCO

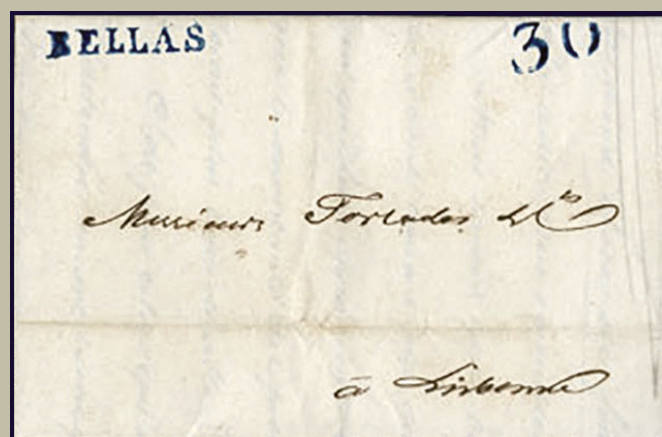
O Centro Unesco em Beja tem patente ao público, até final deste mês, a exposição: “Barro: Terra, Fogo, Água e Ar – a arte de moldar o barro”, que pode ser visitada de segunda a sexta-feira das 9.00 às 12.30 horas, e das 14.00 às 18.30 horas. “Terra, Fogo, Água e Ar são os elementos essenciais para a criação de peças de barro e esta iniciativa integra a promoção de dois patrimónios: os Bonecos de Estremoz – Património Cultural Imaterial da Humanidade e a Olaria de Beringel, uma arte viva que acorda memórias coletivas e que tanto identifica esta vila de Beja”, refere o centro Unesco. Trata-se de uma iniciativa organizada pela associação Badajan, em parceria com diversas entidades. “O património oleiro, identitário de Beringel, é uma herança a conservar e a promover pela sua importância na recuperação da história local. A experiência de Estremoz é inspiradora para nos ajudar a trilhar caminho para um maior reconhecimento do património local”, explica Lénia Santos, vice-presidente da Badajan.



D.R.

FILATELIA

GEADA DE SOUSA



RARIDADES EM LEILÃO FILATÉLICO DIA 7 DE NOVEMBRO

A única peça que se conhece que ostenta a marca pré-filatélica “BELLAS” a cor azul, catalogada como “BEL-1” por Luís Frazão (LF), é uma das várias raridades apresentadas no catálogo do 81º leilão de Paulo Dias que se vai realizar sábado, dia 7 de novembro. O lote tem o número 103 e o preço base é de 1 400 euros.

O lote 130 é também uma peça pré-filatélica muito rara. Trata-se de carta proveniente da província Cisplatina (Uruguai), datada de Montevideu de 10-01-1820; apresenta a marca postal “MONTV.º” (“MTV-1”, LF) a cor sépia acinzentada e foi endereçada para Vila da Feira (Portugal), via Rio de Janeiro, com marca linear a sépia, (“RJN-3”, LF) e porte (manuscrito) de “160”. O lote inclui um mapa de Montevideu e do rio da Prata.

A descrição no catálogo refere que apenas se conhecem três cartas circuladas de Montevideu para Portugal durante o período da ocupação portuguesa daquele território, ocupação que ocorreu de 1816 a 1822 (“Pré-Filatelias Ilhas Adjacentes e Colónias Portuguesas”, de Luís Frazão, tomo II, págs. 66 a 69). O estado de conservação é “belo” e vai à praça pelo valor de catálogo: 4 mil euros.

Um “bloco” de dupla fila, horizontal, de três selos de 240 réis violeta claro, da emissão de 1870, D. Luís I, fita curva, denteados (nº 35 catálogo Mundifil), é também uma das peças mais raras em leilão. Os selos foram obliterados com o carimbo de barras “46- Porto”. Como múltiplo que é, o catálogo dá-lhe a cotação de 9 680 euros. O lote tem o número 239 e vai a leilão por 1.200 euros.

Exemplar raro na qualidade que apresenta a cor e o relevo, é também o selo do lote 203. Trata-se do selo de 1853, D. Maria II, 5 réis castanho avermelhado (nº 1, catálogo Mundifil), cunho I. Está cotado por 5 200 euros e vai a leilão por 1 200 euros. Destaque-se, ainda, o lote de aerofilatelia nº 137. É um sobrescrito franquiado com o selo Ceres de 1\$60 azul (213, Mundifil), que apresenta a marca postal totalmente em maiúsculas e em seis linhas “Primeiro/Correio Aéreo/Transatlântico/Lisboa - America N (leia-se norte) /junho 1928”. O hidroavião que o transportou, “Whale”, saiu de Lisboa (via Horta/Açores), a 27-6-28 para o Canadá (Montreal), onde chegou apenas quase dois meses depois, a 7 de agosto. Foi um voo muito atribulado. Teve de regressar uma vez a Lisboa, outra aos Açores e, em pleno oceano, um dos motores incendiou-se forçando-o a amarrar, sendo socorrido no dia 2 de agosto pelo paquete Inglês “Minnewaska”.